

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

AS FESTAS DE 16 DE JULHO NA CIDADE DE BORDA DA MATA - MG

CLEYTON ANTÔNIO DA COSTA*

RESUMO: A presente pesquisa visa analisar as festas realizadas no dia 16 de Julho na cidade de Borda da Mata, localizada no Sul do Estado de Minas Gerais. Festas que são a de Nossa Senhora do Carmo, padroeira da cidade, e do Aniversário Político Administrativo do Município. Metodologicamente trabalhamos com a prática da História Oral, que possibilita investigar as memórias dos sujeitos sociais, que participam das festas em seus diferentes âmbitos. Tensões são estabelecidas entre o sagrado e o profano. As falas dos narradores possibilitaram visualizar tal contexto conflituoso, onde (re)significações são evidenciadas ao longo dos anos. De um evento pautado no sagrado com ritos repetitivos e fixos para o contraponto de uma festividade conduzida pelo divertimento, lazer, consumo e improviso. Eventos paralelos, definidos que agenciam a data de 16 de julho na pequena cidade do Sul de Minas.

O presente artigo visa entender e problematizar os diferentes significados e sentidos da festa de Nossa Senhora do Carmo, no dia de 16 de Julho na cidade de Borda da Mata, Sul de Minas Gerais, Brasil, por meio das análises de diferentes memórias e experiências vivenciadas por sujeitos sociais que participaram e participam da festa.

Borda da Mata possui uma população calculada, pelo IBGE no censo de 2010, em 17.118 habitantes, localizada no extremo sul mineiro e com sua economia baseada na agricultura e na média indústria de confecções de pijamas e tecelagens. Faz limites com Borda da Mata, as seguintes cidades de Pouso Alegre, Congonhal, Inconfidentes e Bom Repouso.

Buscamos entender como os homens e mulheres deste espaço social se agenciam com o festejo religioso (por ser organizado pela Igreja) uma das práticas culturais e sociais mais esperadas pela comunidade. É a partir desse recorte cultural que poderemos compreender as diferentes memórias e sentidos relacionados à festa, e como os trabalhos da cidade de diferentes gerações se agenciam nesta rede social.

Neste olhar deparamos com as considerações de Abreu ao mostrar que

o historiador, no meu modo de ver, encontra dois grandes desafios: pensar os significados e mudanças das festas em sua própria historicidade, mas sobretudo, compreender a dinâmica relação das festas com a experiência dos

* Mestre em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Docente do Curso de História da Universidade do Vale do Sapucaí (UNIVÁS).

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

homens e mulheres que as tornaram, em qualquer época e local, autêntica e concorrida (1999: 38).

Compreendemos que a festa não se define apenas como uma aglomeração de pessoas em um determinado horário e espaço, pois é também, por meio das festas, que nos é possibilitado evidenciar múltiplos elementos que indiquem religiosidade, lazer, economia, política, tensões, conflitos, entre outros, proporcionando uma gama de reflexões que atravessam o festejar vivenciado por diferentes sujeitos sociais.

O dia 16 de julho possui dinâmicas específicas que estão enraizadas na vida de muitos sujeitos sociais em Borda da Mata, e assim observo a festa ligada às referências culturais da cidade, pois entendemos que “cultura [é] apresentada como todo um modo de vida e todo um modo de luta” (VIEIRA; PEIXOTO; KHOURY, 2004: 07). Também em sintonia com os estudos de Thompson que aponta:

é um termo emaranhado, que, ao reunir tantas atividades e atributos em um só feixe, pode na verdade confundir ou ocultar distinções que precisam ser feitas. Será necessário desfazer o feixe e examinar com mais cuidado os seus componentes: ritos, modos simbólicos, os atributos culturais da hegemonia, a transmissão do costume de geração para a geração e o desenvolvimento sob formas históricas específicas das relações sociais e de trabalho (1998: 22).

Da mesma forma, compreendemos que os modos de viver e ver a festa são diferenciados dependendo de cada experiência vivenciada pelo sujeito social, entendido como o sujeito histórico que, não é pensado como uma abstração, ou como um conceito, mas como pessoas vivas, que se fazem histórica e culturalmente”(KHOURY, 2001: 80). Ou seja, os olhares para os festejos realizados no período de Julho em Borda da Mata, constituem-se de formas divergentes, antagônicas e/ou convergentes, em que esses sujeitos se respaldam em suas perspectivas no que se refere ao lazer, devoção e festa.

A História Oral nos possibilitar conhecer diferentes vivências e experiências, sendo estas muitas vezes ocultadas pela história oficial:

O uso sistemático do testemunho oral possibilita à história oral esclarecer trajetórias individuais, eventos ou processos que às vezes não tem como ser entendidos ou elucidados de outra forma: são depoimentos de analfabetos, rebeldes, mulheres, crianças, miseráveis, prisioneiros, loucos... são histórias de movimentos sociais populares, de lutas cotidianas encobertas ou esquecidas, de versões menosprezadas; essa característica permitiu inclusive que uma vertente da história oral se tenha constituído ligada à história dos excluídos (FERREIRA; AMADO, 2002: xiv).

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

É com este intuito e por meio da História Oral, que foi realizado este trabalho, buscando conhecer e evidenciar experiências de sujeitos sociais que vivenciaram e vivenciam a Festa de Nossa Senhora do Carmo. Através desse método de estudo foi possível analisar as experiências de homens e mulheres em diversos e diferentes setores da sociedade, permitindo um percurso de conhecimento e possibilidades de valorização a grupos sociais até então invisíveis na documentação oficial escrita.

As entrevistas, de que a História Oral se compõe, foram maneira informal, marcadas em locais escolhidos pelos narradores, gravadas em um minigravador onde tanto entrevistados como o entrevistador, puderam se soltar num diálogo aberto, possibilitando que as memórias, vivências, experiências fluíssem para um melhor aproveitamento do tempo, em que perguntas surgissem a partir da história de vida de cada narrador, iniciando o diálogo desde experiências da infância aos dias atuais. Norteados por Alessandro Portelli refletimos, que:

a memória é um processo individual, que ocorre em um meio social dinâmico, valendo-se de instrumentos socialmente criados e compartilhados. Em vista disso, as recordações podem ser semelhantes, contraditórias ou sobrepostas. Porém, em hipótese alguma, as lembranças de duas pessoas são – assim como as impressões digitais, ou, a bem da verdade, com as vezes – exatamente iguais. (1997:16).

Observa-se no trecho acima a necessidade do respeito e do compromisso debruçado na pesquisa, quando se trabalha, metodologicamente, com a História Oral, respeitando as diversas vozes, que possibilitam a discussão acerca do festejo.

Com isto, partindo de depoimentos foi-nos possibilitado um aprofundamento sobre os diferentes significados que a Festa de Nossa Senhora do Carmo constrói em cada sujeito social. E como afirma Lucília de Almeida N. Delgado: “A história oral, em decorrência, é um processo de recordação realizado por um sujeito individual, mas socialmente integrado. Os relatos e os testemunhos contêm em si um amálgama maior, o da inserção em uma comunidade específica” (DELGADO, 2010: 52).

Compreendemos que todo relato, apesar de ser individual está dentro de um contexto social, apresenta vivências, experiências que foram vividas em comunidade, onde é notada a contribuição do sujeito social na história, pois este não é um elemento aquém desta, mas sim um construtor com sua participação.

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

A festa, sendo um evento anual, tem sua preparação no início do mês de junho, com o envio das imagens da padroeira que visitam as casas, estabelecimentos comerciais, empresas. Neste período, antes da festa, as práticas religiosas são reafirmadas, como a reza do terço, cânticos e a recitação de orações e ladainhas. A festa, além de ocasião de lazer, sociabilidade, também é um meio dos padres ‘ditarem’ e confirmarem os princípios cristãos durante os dias de novena (nove dias antes do dia do festejo) e no dia 16 de julho, dia da festividade.

Lucena compartilha que

a festa é sem dúvida em todas as culturas a manifestação de uma vida diferente, de uma vida presenteada. Assim, as pessoas na celebração de suas próprias festas re-animem suas próprias identidades. A festa instaura momentos de novas temporalidades, extra-ordinários. Ela se opõe ao ritmo regular, rotineiro da vida (2008: 97).

Aqui é apresentada algumas questões bem pertinentes ao desenvolver o que é festa. Primeiramente, constituindo como uma “manifestação de uma vida diferente”, se dá pelo contexto promovido pelo festejo, em que os sujeitos sociais se lançam ao um tempo e espaço regido por uma perspectiva de descanso, ruptura do cotidiano marcado pelo trabalho, compromisso, fadiga. Forma-se uma estrutura oposta ao pré-estabelecido que gera sociabilidade, lazer e devoção.

E nisto, as referenciais identitárias se reafirmam, pois este tempo diferente, possibilita voltar-se ao simbólico que deriva a comemoração.

Estar na festa desdobra em um espaço que é aguardado pela expectativa de vivenciar este momento “extra-ordinário”, que irrompe com a rotina e produz vários significados diferenciados aos participantes.

Analisando o Livro do tombo, nº 1 da Paróquia Nossa Senhora do Carmo, encontramos as recomendações que partem do Bispado de Pouso Alegre, datado aos 20 de fevereiro de 1913, o documento apresenta que:

Impondo-se a uniformidade de acção e considerando o urgência que ha em se promover, o quanto possivel, a honra e o esplendor das festas religiosas neste bispado; considerando a importancia que dellas resulta para o augmento da fé e piedade dos fieis que assistem a essas manifestações do culto divino; considerando quanto, ainda, de animação e encorajamento ha nellas para

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

perpetuar-se a tradição catholica nas parochias e conservarem-se no meio do povo a sã doutrina e os bellos costumes christãos¹.

Este trecho transcrito refere-se a um dos objetivos de instituir nas paróquias da diocese de Pouso Alegre, na primeira década do século XX, uma associação intitulada “Guarda de Honra do santíssimo”, responsável em promover as festividades religiosas e além de reforçar o culto divino; e também de fiscalizar e constituir o poder normatizador da Igreja.

Para a Igreja Católica, as festas são mecanismos para divulgar e manter a “sã doutrina”. E para isso é mister um órgão formado por leigos organizando e moldando a festa, dando a ela, a devida missão de “perpetuar a tradição catholica”. Vemos as duas metas visíveis em se realizar uma festa. Uma sendo angariar fundos para os motivos que forem pertinentes e o segundo em divulgar os princípios morais e cristãos que regem a vida do católico, de acordo com as normas da Igreja Católica. Assim, é notória a importância deste tipo de documento que é o Livro do Tombo, constitui rico registro sobre as atividades realizadas nas paróquias, sob a ótica religiosa (SAMARA, 2010).

A narradora Maria Ângela Costa de Oliveira, professora aposentada, católica praticante, relembra o sentimento que se desperta diante da chegada do evento.

A festa de Nossa Senhora do Carmo era... aqui em Borda, o esperado era o Natal e festa de Nossa Senhora do Carmo. De todas as datas, a gente marcava no calendário pela festa de Nossa Senhora do Carmo e pelo Natal. Quando a gente tava trabalhando: Nossa! Já tá chegando a festa de Nossa Senhora do Carmo, férias.²

Aqui vemos quão significativa é a festa para a senhora Maria Ângela, a comparação com as festividades natalinas. E também fica evidenciada a expectativa pela chegada da festa, expressando o valor atribuído a ela, “a gente marcava no calendário pela festa de Nossa Senhora do Carmo”. Sendo um evento anual, é tido como um referencial de tempo das atividades cotidianas, devido sua realização, que redefinía os modos de viver da população de Borda da Mata.

¹ Livro do Tombo, nº 1, 1913, p. 28. Documento transcrito conforme original. Acervo da Paróquia Nossa Senhora do Carmo em Borda da Mata. Cedido gentilmente pelo Monsenhor Vonilton Augusto.

² Narrativa da Senhora Maria Ângela Costa de Oliveira. Em Borda da Mata, 29 de março de 2011. Entrevista concedida a Cleyton Antônio da Costa.

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

Aqui vemos os diferentes modos de se ver e fazer a festa. E com este esteio, os estudos de Domingues colaboram nesta análise, que “na festa há uma mistura de tempo, espaço e relações, não havendo uma uniformidade e sim diferentes experimentos em relação a ela, pois ao realizar a festa, há participação de diferentes segmentos da cidade” (DOMINGUES, 2007: 29). Por meio deste panorama, compreendemos que a festa é uma amalgama que se compõe de diversos aspectos que a constituem. Não sendo algo pré-estabelecido ou nivelado. Possui um convívio social, que diverge do rotineiro, do dia-a-dia, desde daquele que reside no centro da cidade, nas praças onde se realiza a festa, ao que mora na zona rural do município, cujas vivências e experiências com a festa são diferenciadas, pois estes sujeitos que participam, também, são diferenciados.

A festa possui funções e objetivos diferenciados; um deles é o festeiro. Indivíduo responsável pela organização da festa na parte religiosa e social, no que tange à Igreja. De acordo com o Diretório Pastoral e Sacramental da arquidiocese de Pouso Alegre, que adverte no artigo nº 175: “Sejam observados os seguintes critérios para escolha do festeiro: a) Ser católico; b) Ser uma pessoa atuante na vida da comunidade local” (COORDENAÇÃO ARQUIDIOCESANA DE PASTORAL, 2006: 58).

Pautado nestas exigências eclesiais, nota-se que a tarefa exercida pelo festeiro resume-se em ser ressonante com as normas da Igreja, pois, aquele que é festeiro estaria realizando uma atividade em nome da Igreja, ou seja, representando a mesma ao estar organizando a festa.

Dona Maria Ângela, rememora:

Meu pai foi festeiro também desta... desta festa... e... minha mãe [...] fazia aqui... era tudo feito em casa, não pagava ninguém pra fazer nada. Hoje se paga tudo, né? Aqui assava as leitoas, frangos, fazia doces, mandava pros padres. Os padres vinham aqui tomá café, rosca, isso... a casa ficava lotada o dia inteiro, sabe? Que era festeiro, né?³

Na festa de 1958, Centenário da Paróquia e Inauguração da Nova Matriz, o pai de Maria Ângela foi o festeiro. E ao narrar à dinâmica deste momento, partilha com satisfação que a maioria dos produtos, como salgados, prendas, doces eram feitos na casa de sua mãe.

³ Narrativa da Senhora Maria Ângela Costa de Oliveira. Em Borda da Mata, 29 de março de 2011. Entrevista concedida a Cleyton Antônio da Costa.

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

Na sua fala expressa que a responsabilidade pelo preparo dos “quitutes” para a festa é um exercício, exclusivamente, feminino. Analisando esta prática cultural do preparo dos alimentos que seriam consumidos na festa, proporciona, com efeito, um momento de sociabilidade, em que experiências culinárias são compartilhadas. Nelas o voluntariado era presente, segundo sua observação, “não pagava ninguém pra fazer nada. Hoje se paga tudo, né?” E com este diálogo envergado no passado e no presente, buscando uma confirmação, expressa que seu olhar mudou a respeito da colaboração com a festa.

Também, em sua narrativa expõe a sociabilidade suscitada pela preparação dos mantimentos para a festa, ao afirmar que, “a casa ficava lotada o dia inteiro”. Isto propõe que a casa do festeiro não se restringia à atuação dos familiares, mas possivelmente de amigos e dos sacerdotes que confiaram em seu pai a função de festeiro.

Continuando Maria Ângela aponta:

O papel do festeiro, hoje eu não sei, mas sei, mais quando meu pai foi festeiro. Ele arrecadava e... tudo pra festa, mantimentos. A gente saía na rua pedindo pra fazer bolo, pastel, rosca, estas coisas, prendas pro leilão. Era tudo que o festeiro arrecadava, saía ficava dois, três meses, não dava tempo de fazer nada, só trabalhando pra igreja.⁴

Nesta narrativa, é apresentado o papel do festeiro, como aquele que, antecipadamente, se organiza, junto com seus familiares, para que possam arrecadar mantimentos, prendas, gado, leitoas, tudo destinado para a realização dos leilões ou bingos. Estando em sintonia com a pesquisa de Domingues, notamos que:

Os festeiros são as pessoas de maior evidência da festa. Devem coletar as ‘esmolas’, coordenar as ações para levantar fundos, como bingos e bailes durante o ano, administrar e organizar as atividades como a vinda dos ternos de congo, tratar da divulgação da festa e, principalmente, do oferecimento das refeições, ou seja, garantir o banquete aqueles que participam da festa (2011: 12).

A função maior do festeiro é organizar a festa, com isto, todo o material necessário para a realização dela fica sob sua responsabilidade. Assim constitui-se uma rede de relações, em que as pessoas contribuem, pois se trata do festeiro e ele está em nome de evento específico que a população aguarda e legitima a expectativa, colaborando.

⁴ Narrativa da Senhora Maria Ângela Costa de Oliveira. Em Borda da Mata, 29 de março de 2011. Entrevista concedida a Cleyton Antônio da Costa.

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

Outro ponto em sua fala é que atualmente ela não sabe o que é realmente o papel desempenhando pelo festeiro, porém comenta que sabe, “mais quando meu pai foi festeiro”. Neste discurso nota-se que mudanças ocorreram que a forma de organizar a festa se modificou. Dando ao exercício do festeiro um valor íntimo e familiar, pois se trata do pai, desta forma, pode ter contato com toda a dinâmica de realizar e contribuir, efetivamente, com a festividade.

Lidar com o tempo nas narrativas é também lidar com a memória. A fala oral está sempre impregnada de memória. Nas conversas estamos em contato direto com modos como as pessoas costumam significar o passado, marcar e usar o tempo. Compreendê-lo e explicá-los requer mais do que uma atenção a diferentes temporalidades e as suas mútuas relações em processos históricos específicos; requer apreender maneiras como as pessoas, com quem falamos, dividem, significam e usam o tempo (KHOURY, 2004:128).

E com este aporte teórico, cunhamos nosso olhar acerca do festejo de Nossa Senhora do Carmo, utilizando a História Oral, metodologia esta que possibilita uma contemplação da experiência social, que pode apresentar contradições, antagonismos, construindo, desta maneira, um cenário rico em informações pautadas nas memórias dos narradores.

João Bertolaccini conta que:

depois que terminou a igreja. Em 74, eu fui festeiro da festa de Nossa Senhora do Carmo. O Monsenhor [Pedro Cintra] pego e me chamou e falou: ‘Quantos bezerros que você já tirou pra festa? Dá quantos?’ ‘Ah, Monsenhor, eu tirei 280 e tantos bezerros’. E aí o Monsenhor falou: ‘Tá muito bom, nossa’. Além, tinha fazendeiro que não dava tempo pra ocê ir na casa dele. porque as vezes não dá tempo, ocê passa não ta na casa dele. ocê não ta lá, então quem ta não tem ordem de dá um bezerro ou outra coisa. Então a gente ficava de ir depois, mais não voltava porque já tinha passado lá no bairro. Falava pro padre: ‘Fulano passo lá e eu não tava lá, mais eu trouxe o bezerro!’ E era deste jeito [...]. e aí, em 74 , o Monsenhor me chamou e me falou: ‘Tá com tantos bezerros. Então o seguinte, você pode pegar o dinheiro e dar uma atração boa pro povo. Porque a igreja não ta precisando mais de dinheiro’ [...]. Daí, eu peguei e falei: ‘Monsenhor, vou traze o quê?’ ‘Não cê pode trazê, o povo gosta muito de... espetáculo pirotécnico’ [...]. Foi uma festa... foi um espetáculo pirotécnico muito bonito. O pessoal aqui nunca tinha visto. Puseram de cima da Igreja, uma cachoeira de fogos. A coisa mais bonita do mundo. E... na noite da festa, né? Foi a única atração.⁵

⁵ Narrativa do Senhor João Bertolaccini. Em Borda da Mata, 24 de maio de 2011. Entrevista concedida a Cleyton Antônio da Costa.

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

Bertolaccini tece seu diálogo acerca de sua atividade como festeiro, que era, também, arrecadar fundos para os festejos. Um modo devido ao fato que a economia do município de Borda da Mata, era baseada na agropecuária. Muitos sitiantes ou moradores da zona rural doavam bezerros para a realização dos leilões durante as festividades.

Trabalhar como festeiro exige toda uma dedicação, como percorrer todo o município para angariar as prendas e, do mesmo modo, divulgar a festa. Expondo que ele é o responsável. E com a expressiva arrecadação, segundo Bertolaccini, pode desta maneira desenvolver uma atração para a população, pois antes todo o dinheiro arrecadado com a festa se destinava, exclusivamente, para com a construção da igreja matriz. Com sua interlocução como sacerdote responsável da paróquia, Monsenhor Pedro Cintra, orienta a contratar um espetáculo pirotécnico.

Sua busca de trazer uma atração diferenciada almeja em registrar a grandiosidade da festa que realizara, expondo que “o povo gostou muito” sendo “a coisa mais bonita do mundo”. Enfatizar a dimensão que atinge a festa que foi responsável e todo o seu trabalho do debruçado em obter os “bezerros” para os leilões tem o intuito de evidenciar que cumpriu sua responsabilidade de ser festeiro.

Nosso olhar para o festejo no âmbito religioso, no qual deparamos com elementos precisos e definidos que reafirmam os significados que este momento possui para a população católica de Borda da Mata.

Algumas considerações

Na festa religiosa de Nossa Senhora do Carmo na cidade de Borda da Mata, que remete aos primórdios da formação do arraial no início do século XIX, o sagrado se expressa por meio da fé, devoção, práticas que propiciam a exteriorização desta ligada a santa padroeira. Com isto, compreendemos a festa não como um momento rígido, mas repleto de sentidos, que foram sendo negociados ao longo do tempo.

A busca em fixar a festa como uma data de espera constrói uma expectativa, que esta se dinamiza de maneira certa, estar com a família, recesso escolar, materializar a devoção, entre outros. Forja-se um momento aguardado, ao marcar, ou melhor, registrar

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

no calendário tal evento institui um acontecimento que o seu culminar traz sentimentos, valores durante o cotidiano regido pelo trabalho e obrigações.

Deste modo, a festa de Nossa Senhora do Carmo que é realizada no dia 16 de Julho, constitui um evento anual, que possibilita perceber muitas memórias e experiências. A festa produz vários gestos, valores e olhares. E adentrar nestas dimensões foi possível pelas narrativas orais dos bordamatenses que vivenciam o festejo ao longo da vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Martha. *O império do Divino: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830-1900*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; São Paulo: Fapesp, 1999.

COORDENAÇÃO ARQUIDIOCESANA DE PASTORAL. *Diretório Pastoral e Sacramental da Arquidiocese de Pouso Alegre*, Pouso Alegre: Grafcenter, 2006.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. *História Oral – memórias, tempo, identidades*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

DOMINGUES, Andrea Silva. Cultura e Memória: O significado da Festa do Rosário e do ser festeiro. In: *Histórica – Revista Eletrônica do Arquivo Público do Estado de São Paulo*, nº 49, ago.2011

_____. *Cultura e Memória: o festejo de Nossa Senhora do Rosário na cidade de Silvianópolis – MG (Tese de Doutorado em História Social)*. PUC – São Paulo: 2007.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Org). *Usos e abusos da História Oral*. 5º edição. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

KHOURY, Yara Aun. Muitas memórias, outras histórias: Cultura e o sujeito na história. In: FENELON, Déa; MACIEL, Laura Antunes; ALMEIDA, Paulo Roberto de; KHOURY, Yara Aun (Org). *Muitas memórias, outras histórias*. São Paulo: OlhoD'Água, 2004.

_____. Narrativas orais na investigação da História Social. *Revista Projeto História*, nº 22, junho, São Paulo: EDUC, 2001.

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

LUCENA, Célia Regina P. T. . A festa (re)visitada: (re)significações e sociabilidades. In: Lucena, C.T.; Campos, M.C.S.S.. (Org.). *Questões ambientais e sociabilidades*. São Paulo: HUMANITAS, 2008.

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho - Algumas reflexões sobre a ética na História Oral. In: *Revista Projeto História*. São Paulo: PUC, nº 15, Abril de 1997.

SAMARA, Eni de Mesquita. *História & Documento e metodologia de pesquisa*. Belo Horizonte: Autentica. 2010.

THOMPSON, E. P. *Costumes em comum: Estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha; KHOURY, Yara Aun. *A pesquisa em História*. 4ª Ed., São Paulo: Ática, 2004.